

# **LIGA ACADÊMICA DE PSICOLOGIA SOCIAL E COMUNITÁRIA: POSSIBILIDADES DO FAZER EM UM ANO PANDÊMICO.**

Thamara Barbosa Teixeira Dias

Daniela Cristina Belchior Mota

Larissa Costa Braz

Fernanda Zeloschi

Vinícius Farage Silva

Oetsia Vargas Smits

## **RESUMO:**

O presente artigo teve como objetivo apresentar as ações da LAÇO - Liga Acadêmica de Psicologia Social e Comunitária - no ano de 2021. Nesse sentido, é importante destacar o contexto político-social-epidemiológico ocasionado pela pandemia da Covid 19 e sua gestão. Dessa maneira, pautados no viés crítico da psicologia aprofundaram-se estudos no formato de grupos de trabalho (GT) sobre as relações neoliberais e as questões de gênero. Além disso, participaram ativamente dos eventos da faculdade ressaltando o afeto e a ação coletiva como motivadores de nossa prática. O viés crítico e libertador impulsionou a lutar politicamente por pautas que coadunam, dessa forma, participou-se de eventos de planejamento de metas a serem desenvolvidas pelo governo municipal, além de compor o coro nas manifestações contra o atual governo Bolsonaro. Como resultado final dos trabalhos anuais foi organizado um evento que tem como objetivo questionar diante a comunidade para que e para quem estamos construindo a psicologia. A resposta se no caminho e no esperar.

Palavras-chave: Psicologia Social e Comunitária. Liga Acadêmica. Extensão. Pandemia.

## **INTRODUÇÃO**

Na América Latina, a libertação, diferentemente do conceito de liberdade, volta-se para os processos de superação e enfrentamento de forma coletiva das situações de opressão vivenciadas pela grande maioria desses países. Para Martín Baró (2011) a Psicologia da Libertação se desenvolve a partir do protagonismo dos sujeitos e de suas ações transformadoras para se atingir uma sociedade mais justa e humana, porque somente a partir da perspectiva da maioria oprimida é possível uma prática psicológica potencializadora.

Em uma intervenção em Psicologia Comunitária, inserida no paradigma da Libertação, a participação é o principal catalisador dos processos de conscientização, fortalecimento, potenciação e construção de ações coletivas para melhoria das condições de vida. Nesse sentido, abrange ações que incluem o diálogo problematizador, a interação social afetiva e a ação coletiva transformadora (GÓIS, 2008 apud XIMENES,2017). Assim observa-se a importância de atuar com metodologias participativas, que consistem em metodologias nas quais os sujeitos da pesquisa ou da intervenção são considerados coprodutores de conhecimento (STRECK, 2016 apud XIMENES,2017).

A LAÇO, em suas ações, tem como objetivo a busca de uma permanente articulação entre ensino, pesquisa e extensão e uma formação profissional com visão crítica e compromissada com a transformação da atual realidade, marcada por um grande desmonte na Política Nacional de Saúde com profundos reflexos na Saúde Mental pautado em ideologias negacionistas e obscurantistas. Considerando, portanto, o contexto atual descrito, é importante o exercício de reflexão crítica e de articulação de movimentos de resistência. Nesse sentido, a formação acadêmica compromissada ética e politicamente tem fundamental importância para a promoção de mudanças. A LAÇO se propõe a construir caminhos para esperar outros mundos, compreendendo que, “[...] como dizia Paulo Freire, o educador que morreu aprendendo: ‘Somos andando’” (GALEANO, 2011, p. 302)

A formação compromissada é um dever ético das universidades, quando culturalmente engajadas para uma relevância social significativa, é necessário que haja ações para solucionar problemas da sociedade civil marcados pela historicidade. Ao rejeitar a educação como uma mercadoria e máquina de produtividade, é papel da universidade intensificar o potencial crítico, a autonomia de pensamento e ser um centro de criação, questionamento e crítica. Nesse sentido, as atividades de extensão são a intersecção entre a universidade e a comunidade, podendo oferecer ou não melhorias na qualidade de vida da população (MELLO; ALMEIDA FILHO; RIBEIRO, 2009).

Para que aconteçam intervenções é necessário que se tenha cuidado ao fazer a análise da sociedade, pois essa deve ser entendida a partir de sua complexidade e amplitude. A vontade de fazer diferente e criar para superar as

adversidades vem pelo contato com a realidade que circunda, e por isso, alunos e professores precisam pisar no chão do qual estão falando e andar descalço e devagar (MELLO; ALMEIDA FILHO; RIBEIRO, 2009).

## **METODOLOGIA**

Este artigo relata a experiência vivenciada pela Laço no ano de 2021, a qual se desenvolve por meio de metodologia participativas, tendo como marco crítico-teórico, a psicologia social e comunitária.

A Psicologia Comunitária, segundo Ximenes (2017), na perspectiva dos processos de participação e de libertação, contribui para a construção de metodologias participativas e de espaços que rompam com os processos de opressão. Para realizar uma prática dentro desse paradigma se faz necessário considerá-la política, cultural e participativa (JUAREZ, 2015) e ter na comunidade seu principal ator, em uma concepção de saúde que favorece processos que focam na prevenção, na promoção e na autonomia.

Com uma prática baseada em metodologias participativas (SPINK, 2008) os membros da Laço se reúnem semanalmente e, diante de um cenário marcado pela pandemia da Covid-19, tem se formatado de forma remota e se organizado em Grupos de Trabalho. Os encontros suscitam discussões, estudos e pesquisas internas visando a promoção do tripé ensino-pesquisa-extensão, resultando em participações em manifestações sociais, diálogos e parcerias com a comunidade juizforana. Os encontros coletivos e comunitários favorecem um processo democrático a partir de uma Psicologia que busca a mudança comunitária e social, cujo psicólogo coloca-se como um facilitador de processos sociais e humanos (XIMENES, 2017).

## **ATIVIDADES IMPLEMENTADAS**

Em razão das limitações de interação social trazidas pela pandemia, as atividades da Laço no ano de 2021 se concentraram nas seguintes frentes: (1) Acolhida de novos integrantes; (2) Grupos de Trabalho; (3) Intervalo cultural no V Seminário de Psicologia do UniAcademia; (4) participação na elaboração do Plano pluri-anual popular; (5) realização do evento vento “Psicologia para que(m)? Democracia à margem? Caminhos para esperar”. Além disso, a liga esteve presente em eventos locais e nacionais, contribuindo

com a apresentação de trabalhos e com o fomento de uma discussão crítica e problematizadora na psicologia social. A seguir, são descritas como as referidas frentes de trabalho se desenvolveram.

Para a continuidade da Laço, a primeira ação envolveu a “Acolhida de novos integrantes”, que objetivou acolher os novos membros de forma que se sintam pertencentes a liga e que conheçam os demais participantes e nossos objetivos e ações. O primeiro passo do processo seletivo se deu na elaboração de um vídeo feito durante a reunião chamando interessados para a inscrição. O contato foi feito através do e-mail e foram eleitas madrinhas para ter um contato direto com os novos membros e se dispor a tirar dúvidas.

Como parte das atividades da liga, houve a realização de Grupos de Trabalhos (GT), que objetivaram aprofundar teoricamente os estudos sobre a temática Relações neoliberais, mundo do trabalho e questões de gênero: a mulher multitarefas, subjetividades e o dito feminino nas relações laborais. A formulação do tema e dos interesses foram discutidas de forma conjunta, para a posterior uma discussão, realizada de maneira colaborativa e participativa. Na reunião, para aquecer o debate, foi passado um vídeo discutia a questão das empregadas domésticas na pandemia. Foi usado também como material de apoio um podcast e um texto, abordando o pensamento feminista no Brasil, de autoria de Hollanda (2019). A escolha do tema foi realizada anteriormente e os materiais foram separados e enviados para uma discussão coletiva, colaborativa e com a participação dos presentes. Foram levantados temas que mobilizaram e renderam os debates que foram finalizados com uma dinâmica de contação de histórias pessoais para nos sentirmos mais próximos e aquecer o coração depois de debates tão profundos de temas difíceis. A participação dos integrantes foi ativa e enriquecedora. Os debates resultaram em grandes reflexões que impulsionaram posteriores ações e estudos.

Outra ação desenvolvida pela Laço consistiu no Intervalo cultural no V Seminário de Psicologia do UniAcademia. Foi objetivo da ação apresentar aos participantes do Seminário uma intervenção artística que afete o campo da sensibilidade, apresentando a liga e sua forma de condução e olhar para o mundo para a comunidade acadêmica, e com isso, aumentar nosso alcance nas redes sociais.

No que se refere à política local, a Laço se participou da elaboração do Plano pluri-anual popular, sendo este o principal instrumento de administração a ser usado pela prefeitura para o estabelecimento de metas, gastos e objetivos seguidos pelo governo. A elaboração de forma popular é de suma importância para uma gestão que tenha como meta a maior participação da sociedade no desenvolvimento da cidade. A LAÇO, seguindo as linhas da extensão, que tem como princípio o contato com a comunidade, se fez representar na reunião e na elaboração de propostas em defesa de uma cidadania participativa. A reunião com o setor de planejamento da prefeitura aconteceu de forma online com o intuito de orientar o que deveria ser feito em seguida. As propostas foram levadas para a reunião da LAÇO e discutidas em conjunto.

Enquanto uma liga com o viés crítico e questionador, vemos a importância de nos posicionar politicamente perante o que cerca nossa realidade. Com isso, perante os contínuos desmontes do governo a todas as áreas da sociedade, inclusive educação e ciência, há uma constante necessidade de se posicionar e lutar contra as opressões estruturantes, levando a Laço a participar dos movimentos contra o governo. Nessa direção, foi realizado um grupo com diversos representantes da psicologia de Juiz de Fora para que acontecesse um bloco só de alunos e profissionais da psicologia nos protestos.

Uma das principais ações da Laço envolveu a realização do evento “Psicologia para que(m)? Democracia à margem? Caminhos para esperar”. O Psicologia para que(m) surgiu da inquietação constante dos integrantes da Laço ao se questionarem para quem e para que serve a psicologia hegemonicamente produzida nos campos de formação. Baseados na premissa de Martín-Baró torna-se necessário pensar na libertação da psicologia para a prática da psicologia da libertação. Nesse sentido, mirando no tripé pesquisa, ensino e extensão e visando a aproximação com a comunidade e com demais estudantes da instituição o evento é pensado para abrir portas para um debate crítico, produzido com afeto e que já em sua elaboração visa a transformação. Dessa maneira, através da ampliação do debate o compromisso social em que os participantes da Liga se propõem interpassa barreiras e não se torna uma barreira oca, uma abstração, mas sim um plano com concretude para a mudança da formação em psicologia.

Após meses de preparação realizamos o encontro online com a presença de mais de 50 pessoas de diversos lugares do país. Contamos com a participação de artistas de Juiz de Fora que através da poesia, música e da fala nos passaram mensagens importantes sobre as opressões e as necessidades de se construir uma psicologia atenta as realidades sociais. Com o evento pudemos dimensionar onde a Laço consegue chegar e que, através do afeto, ultrapassamos barreiras e conseguimos conversar sobre temas que não são trabalhados na sala de aula.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A colonialidade é um tipo de dominação que exerce e determina formas de organização em toda a América Latina. Tal categorização vai desde formas epistêmicas de produção de conhecimento até a política de morte operante contra determinadas populações. A produção de hierarquias com a lente de fundo europeia exclui e segrega conhecimentos que não coadunam com tais preceitos. Dessa forma, o apagamento de identidades, memórias e conhecimentos fazem parte do processo formativo da América Latina (QUIJANO, 2005). Martín-Baró (1997) destaca a importância de construir uma práxis questionadora, em que se pergunte a partir de quem e para quem se destina o fazer psicológico, além de quais são as consequências históricas produzidas por ele. Dessa forma, só será possível transformar a realidade social latino-americana se for transformada, anteriormente, a própria Psicologia.

Nesse sentido, a psicologia que esteve historicamente atrelada às engrenagens do sistema capitalista, segregando, classificando e excluindo, deve adotar uma postura crítica. A mudança da consciência crítica somente não altera a realidade social, mas é o primeiro passo para um encadeamento de mudanças. Trabalhar recuperando a memória histórica da população de forma alinhada com o contexto em que está inserido é necessário para que se tenha uma práxis ética e compromissada. É de fundamental importância destacar que o saber psicológico não está acima de outros e não pode salvar o mundo, é nossa função nos alinhar com outras áreas do conhecimento e frentes de serviço para construir uma sociedade melhor, juntos (MARTÍN-BARÓ, 1997).

Pode-se concluir, dessa forma, que a LAÇO tem fundamental importância no processo formativo, contribuindo de forma ativa na construção do

pensamento e da prática crítica e alinhada a realidade social. Mesmo com as adversidades enfrentadas pela pandemia da Covid 19, em que a ida a campo se mostrou prejudicada, foi possível realizar ações e expandir nossa prática.

## REFERÊNCIAS

GALEANO, Eduardo H. De pernas pro ar: a escola do mundo ao avesso. Porto Alegre: L&PM Editores, 2011.

JUAREZ, M. P. Dimensiones de la salud comunitária que consideran pediatras del primer nível de atención: reflexiones y desafíos. *Psicologia em pesquisa*, v. 9, n. 1, p. 50-61, 2015. Doi: 10.5327/Z1982-1247201500010007.

MELLO, Alex Fiúza de; ALMEIDA FILHO, Naomar de; RIBEIRO, Renato Janine. Por uma universidade socialmente relevante. *Atos de pesquisa em educação*. v. 4, n. 3, p. 292 - 302, set./dez. 2009.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. O papel do Psicólogo. *Estudos de Psicologia*. Natal, v. 2, n. 1, jan./jun. 1997.

SPINK, P.K. O pesquisador conversador no cotidiano. *Psicologia & Sociedade*, 20 (num.esp), 2008, p. 70-77.

VIEIRA-SILVA, Marcos. Práticas em psicologia comunitária e processos de mobilização social: provocações para um debate. *Pesqui. prá. psicossociais*, São João del-Rei, v. 10, n. 2, p. 292-300, dez. 2015. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-89082015000200007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082015000200007&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 07 dez. 2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Consejo Latinoamericano de Ciências Sociais. 2005.

XIMENES, Verônica Moraes et al. Saúde Comunitária e Psicologia Comunitária: suas contribuições às metodologias participativas. *Psicol. pesq.*, Juiz de Fora, v. 11, n. 2, p. 4-13, dez. 2017. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1982-12472017000200002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472017000200002&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 07 dez. 2021.  
<http://dx.doi.org/10.24879/2017001100200161>.